

acontecer migratorio

Volumen 40 - Nº 10 - octubre 2017

más allá de las fronteras

Mudanças climáticas e migrações

**“¿Cómo meto mi vida
en una maleta?”**

**Noviembre
Mes Scalabriniano**

índice

acontecer migratorio

Vol. 40 N° 10 - octubre 2017



Misioneros de San Carlos
Scalabrinianos

Director:

P. MAURIZIO PONTIN, c.s.

Subdirector

P. ANGELO PLODARI, c.s.

Editora:

CRISTINA CASTILLO C.

Redacción, Diseño, Diagramación:

Attikós Editores

Teléfono:

(57 1) 791 4773

e-mail:

cepamcaracas@gmail.com

Dirección:

Calle 56bis # 35-47, Bogotá, COLOMBIA



@CepamCaracas
Cepam Caracas

Portada:

Emigrantes venezolanos en un
terminal de buses en Caracas
Foto: el-nacional.com

3 Editorial

4 Mudanças climáticas e migrações

Deparamo-nos com uma “inevitável rota de colisão
entre o atual modelo econômico e a vida no planeta”

6 Hay más de 1.100 millones de “invisibles” en todo el mundo

Preocupa la gran cantidad de indocumentados.
Se advierte que no cuentan con servicios de salud ni de educación.

7 Francia y los inmigrantes indocumentados

Macron ha asegurado que no está dispuesto
a dar alojamiento a todos los inmigrantes

8 Acnur:

Una voz en medio de la oscuridad bélica

9 La ONU alerta sobre el aumento de desplazamientos

en la República Democrática del Congo

10 ¿Y si hubiera una alternativa a emigrar?

Una de cada siete personas en el mundo es migrante

12 “¿Cómo meto mi vida en una maleta?”

los venezolanos recorren Suramérica por vía terrestre

14 Honduras

destaca como protector de refugiados

15 “Niñez y Migración”

XII Foro de Migración

16 Celebrando con los venezolanos en Colombia

“Sí el migrante no es tu hermano, Dios no es tu Padre”
(Beato J. B. Scalabrini)

17 XXIV Congreso Mundial del Apostolado del Mar

“Atrapado en la red”

18 Noviembre

Mes Scalabriniano

19 San Carlo

esempio meraviglioso

Editorial

Se acerca el final de un año signado por las crisis humanitarias, los desastres naturales y el ocaso de las esperanzas que muchos pusieron en él desde su inicio; y lo más preocupante de las situaciones que enfrentamos es que la mano y la mentalidad del ser humano están involucradas en muchos, por no decir en todos los acontecimientos adversos en esta “nuestra única nave espacial”.

Para corroborar el párrafo inicial, queremos resaltar que “los

análisis más recientes, asocian cada vez más determinadas catástrofes a la explotación desenfrenada de los recursos naturales por parte de la política económica adoptada especialmente después de la Revolución Industrial”. Como respuesta a las catástrofes la gente se moviliza con la ilusión de encontrar, más allá del horizonte, la seguridad y las oportunidades que su terruño ya no puede brindarle. Es importante recordar que a lo largo de la historia el medioambiente ha sido uno de los promotores de la migración y que la progresiva degradación ambiental está jugando hoy un rol importante en la migración desde todos los rincones del mundo.

Además de la crisis ambiental, la violencia y el hambre también son causantes de un gran flujo de refugiados, desplazados internos y migrantes indocumentados que son percibidos con indiferencia por su lugar de origen y avistados con aprensión en su lugar de destino.

El ACNUR, organismo univer-

...refugiados,
desplazados internos
y migrantes indocumen-
tados que son percibidos
con indiferencia por su lugar
de origen y avistados con
aprensión en su lugar de
destino.

sal de las Naciones Unidas encargado de proteger a los refugiados y desplazados por persecuciones o conflictos y de promover soluciones duraderas a su situación, surgió con “un mandato de tres años para resolver el problema de los refugiados europeos” y celebró su 66 aniversario el 14 de

diciembre de 2016, “consciente que es poco probable que las necesidades humanitarias desaparezcan”, en un mundo que cuenta con más 65 millones de personas desplazadas forzosamente.

Por su parte la Congregación Scalabriniana, que trabaja para y con los migrantes, celebra el próximo mes de noviembre su 130° aniversario. La iniciativa del Beato Juan Bautista Scalabrini, aprobada por el Papa León XIII, fue originalmente proporcionar acompañamiento y asistencia religiosa, moral, social y legal a los emigrantes italianos que partían hacia América; en 1969 los Misioneros Scalabrinianos, como respuesta al progresivo aumento de la movilidad humana forzada, ampliaron su misión a todos los migrantes y su alcance a todo el mundo. En la actualidad se encuentran presentes, en 34 países de los cinco continentes, a través de los Sacerdotes Misioneros, las Hermanas Misioneras y las Misioneras Seglares Scalabrinianas buscando

llegar principalmente a los más necesitados y vulnerables entre los migrantes, refugiados, desplazados internos y gente de mar; igualmente, se esfuerzan por aportar luces en los espacios académicos y de toma de decisiones sobre políticas migratorias mediante los Centros de Estudios e intervenciones en ámbitos internacionales.

Concluimos llanamente... sin llamados, sin reflexiones, sin opiniones; sólo con un dejo de impotencia ante un mundo que parece desplomarse frente a nuestros ojos.

Cristina Castillo Carrillo

Mudanças climáticas e migrações

Deparamo-nos com uma “inevitável rota de colisão entre o atual modelo econômico e a vida no planeta”

“Estamos em uma encruzilhada energética. Um cartaz indica o futuro que utiliza a energia escavando do solo combustíveis fósseis e dando-lhes fogo. O outro indica a energia renovável. Não podemos seguir as duas direções. Incentivar a infraestrutura por uma das duas soluções penaliza a outra”, diz a bióloga Sandra Steingraber (Citada por KLEIN, Naomi *Una rivoluzione ci salverá – perché il capitalismo non è sostenibile*, Edizione best BUR, Milano, nevvembre 2015, pag 291). Deparamo-nos com uma “inevitável rota de colisão entre o atual modelo econômico e a vida no planeta”, conclui por sua vez a autora do livro.

A citação inicial introduz o tema do título. Nos últimos anos, temos tropeçado frequentemente com a expressão migrantes ou refugiados “climáticos”. Aos milhares e milhões fogem de catástrofes climáticas extremas, tais como secas prolongadas e inundações repentinas, tempestades e furacões, terremotos e tsunames, vulcões e incêndios... Deixam atrás de si montanhas de escombros, cidades em ruínas, ou cinzas em lugar delas; mas deixam para trás sobretudo cadáveres insepultos ou para sempre desaparecidos.

A que se deve tais extremos climáticos? Alguns apressam-se a dizer que semelhantes catástrofes são naturais. Sempre existiram, e sempre existirão, temos de conviver com elas. As análises mais recentes, porém, associam cada vez mais determinadas catástrofes à exploração desenfreada dos recursos naturais por parte da política econômica adotada especialmente após a Revolução industrial. A força motriz do progresso e desenvolvimento industriais, nestes dois séculos, está notoriamente ligado aos combustíveis de origem fóssil: carvão, petróleo e gás. Estudiosos do tema denominam

“economia extrativista” a essa associação entre a tecnologia científica, de um lado, a produção e o consumo, de outro. A frenética extração e queima de tais combustíveis provindos do subsolo, além de contaminar o a terra, a água e o ar, geram o aquecimento global progressivo. Daí os vários encontros de

Migración climática forzada
Foto: knowledge.allianz.com



cúpula entre as nações, com acordos tíbios e tímidos, para reduzir a emissão de CO2 na atmosfera, e outras substâncias nocivas à saúde do planeta.

Não que toda e qualquer catástrofe seja, sem mais, atribuída à ação humana sobre a natureza. O que essa ação faz, ao utilizar as riquezas naturais como se fossem recursos infinitos, é aumentar seu potencial devastador, alterando o equilíbrio natural dos diversos ecossistemas. Disso decorrem os efeitos extremados de frio e calor, chuvas e estiagem, tornados e tormentas, entre outros. Efeito visível do aquecimento global é a diminuição das geleiras nos pólos ártico e antártico, bem como a neve nos Alpes e nos Andes, para lembrar somente alguns exemplos. Também a desertificação e esterilização do solo e o aumento do nível das águas do mar são fenômenos combinados à elevação crescente da temperatura global.

O que fazer? O movimento ambientalista (ou movimentos ambientalistas) propõe a passagem, sem perda de tempo, das fontes de energia fósseis para as fontes de energia limpas e recicláveis. Do combustível à base de carvão, petróleo e gás ao combustível que nos oferece a natureza: sol, vento, potencial das águas. Solução mais fácil e cômoda tem sido o uso da bioenergia – como o etanol da cana-de-açúcar e milho – mas esta entra também em outra rota de colisão, desta vez, com a produção de alimentos. Convém não esquecer, por outro lado, que o sol, o vento e a água como forças motrizes foram amplamente exploradas antes da invenção do motor a vapor pelo escocês James Watt, no século XVIII. Foi a partir dele que a produção e consumo, bem como os transportes de massa, cresceram a níveis jamais imaginados. Trouxeram conforto e rapidez, sem dúvida, mas em detrimento do planeta Terra – que exibe feridas e cicatrizes irreversíveis – e da das gerações futuras e da biodi-

versidade – que têm o mesmo direito à existência que nós. Impossível absolver os direitos do presente, do *aqui e agora*, ao ritmo da tecnologia atual.

Entre as chagas visíveis do planeta Terra e da humanidade, encontram-se as populações mais vulneráveis. Elas é que alimentam os grandes fluxos de migrantes/refugiados “climáticos” que, sem pátria e sem raiz, erram pelas estradas do mundo. A riqueza e o conforto de uma minoria decreta a pobreza e a fuga de povos inteiros numa migração forçada e às vezes sem destino. Desnecessário dizer que viajamos todos na mesma nave azul. Ou a salvamos do naufrágio, ou afundamos juntos com ela.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, c.s.

Los análisis más recientes, asocian cada vez más determinadas catástrofes a la explotación desenfrenada de los recursos naturales por parte de la política económica adoptada especialmente después de la Revolución Industrial.

Hay más de 1.100 millones de “invisibles” en todo el mundo

Preocupa la gran cantidad de indocumentados.

Se advierte que no cuentan con servicios de salud ni de educación.



La tercera parte de los indocumentados son niños

Foto: AFP

AFP – Más de 1.100 millones de personas en el mundo son “invisibles” oficialmente, lo cual no sólo impide su acceso a servicios de salud y educación, sino que los vuelve vulnerables a violencia y abusos, un problema que preocupa a organismos internacionales.

Entre estos indocumentados, la mayoría de los cuales vive en África y Asia, más de un tercio son niños cuyos nacimientos no han sido registrados, advirtió recientemente el Banco Mundial, que lleva adelante el programa Identificación para el Desarrollo (ID4D).

La situación es particularmente grave en áreas geográficas donde la población enfrenta pobreza, discriminación, epidemias o conflictos armados. “Las causas son múltiples”, subraya Vyjayanti Desai, que dirige el ID4D. En los países en desarrollo, una de las principales razones es la distancia que separa a las personas de los servicios del Estado.

Tramitar una tarjeta de identidad puede implicar un viaje de cinco días en bote hasta un centro adminis-

trativo para personas que viven en la Amazonia, explica Carolina Trivelli, ex ministra de Desarrollo de Perú y miembro del consejo del ID4D.

Además, las familias suelen simplemente desconocer la importancia de registrar un nacimiento y las consecuencias negativas de no hacerlo, sobre todo en países como Somalia, Liberia o Etiopía.

Y aunque sean conscientes de la necesidad de hacerlo, “el costo puede ser agobiante” para gente ya muy pobre, dice Anne-Sophie Lois, representante de Naciones Unidas y directora en Ginebra de la organización de ayuda a la infancia Plan International.

Como resultado, millones de niños en África y Asia sólo tienen su primer contacto con el Estado cuando tienen la edad suficiente para ir a la escuela. Pero “a menudo se requieren certificados de nacimiento para inscribirse en la escuela o tomar un examen”, dice Lois.

El clima político también desanima a muchas familias a tener un documento oficial.

“Las personas tienen miedo de ser identificadas como de un grupo étnico o de una nacionalidad. El gobierno, tristemente, a veces tiene preferencias por algunos grupos en detrimento de otros”, explica Trivelli.

En muchos países, los nacimientos fuera del matrimonio o después de una violación también se ocultan por temor a la discriminación.

En China, la falta de registro de bebés ha sido deliberada desde hace tiempo para evitar sanciones por la política del gobierno de permitir un solo hijo.

Pero más allá de no poder ir a la escuela, estos niños son propensos a todo tipo de violencia: a trabajo forzado para los varones, al matrimonio precoz para las niñas, según denuncias de Unicef, que publicó un informe sobre el tema en 2013.

Francia y los inmigrantes indocumentados

Macron ha asegurado que no está dispuesto a dar alojamiento a todos los inmigrantes

“El presidente de Francia, Emmanuel Macron, informó que expulsará del país a todo extranjero en situación irregular que cometa un delito, al tiempo que anunció una mejora de los procedimientos de expulsión y acuerdos con los países de origen.

En su primera entrevista televisiva cinco meses después de llegar al Elíseo, Macron aseguró que de forma inmediata no cambiarán la ley, pero que ‘adoptarán medidas más duras’ contra los inmigrantes en situación irregular.

Macron reaccionó así después de que se conociera que el autor del asesinato de dos jóvenes en Marsella el pasado día 2 era un tunecino en situación irregular que había sido arrestado dos días antes por robo y liberado sin control.

El presidente dijo que ese caso le reveló que ‘se ha instalado en el país una práctica en la que los irregulares podían ser arrestados varias veces sin por ello ser conducidos a la frontera’.

Macron reconoció que Francia no tiene firmados acuerdos con los países de origen de los indocumentados, lo que resta eficacia a su política de expulsión. También anunció una reforma legislativa a partir del año próximo sobre la inmigración y el asilo...”¹

“Son inmigrantes en las calles de París, capital de Francia. Esperan una solución administrativa a sus demandas de asilo y por el momento lo único que han logrado son unos metros de acera donde instalar sus tiendas en precarias condiciones de higiene. Piden ser tratados como seres humanos.

El mandatario francés, Emmanuel Macron, les respondió el pasado 18 de octubre con dureza. Macron ha asegurado que no está dispuesto a dar alojamiento a todos los inmigrantes. Un presidente que dice no poder acoger toda la miseria del mundo, que va a poner en marcha una política de expulsiones eficaz y que se mostrará intratable.

Para estos hombres y mujeres, que han desafiado el hambre, el frío y sufrido la violencia durante meses hasta llegar aquí

atravesando varios continentes, el abatimiento no forma parte de su vocabulario y por ello se manifiestan para seguir pidiendo el respeto y la ayuda que se les niega.

Los centros de acogida de refugiados no logran atender a todas las personas que lo piden. Las autoridades ven las condiciones inhumanas en las que viven estas personas y a pesar de ello no ponen todos los medios necesarios para acabar con esta situación.

Juan José Dorado, París”²

“La Comisión nacional consultiva sobre derechos humanos en Francia expresó su preocupación por la situación de los migrantes, ante algunas políticas que pueden implicar una multiplicación de violaciones a sus derechos.

En un comunicado divulgado tras una sesión plenaria realizada la víspera, la entidad manifestó ‘la alarma frente a algunas orientaciones de política migratoria previstas por el gobierno y la multiplicación de ataques a los derechos de los indocumentados observados en el terreno’.

El texto se refiere en concreto a algunas disposiciones de un proyecto de ley que será presentado ante el Consejo de Ministros a finales de año, que podría marcar ‘un retroceso sin precedentes en los derechos fundamentales de las personas migrantes’.

Asimismo, indicó que las instrucciones dadas por el ministerio de Interior se traducen en el terreno en acciones de acoso contra los indocumentados, así como contra los ciudadanos franceses que realizan una labor de ayuda humanitaria.

Frente a ello, la Comisión llamó al gobierno a abandonar ‘la visión reduccionista consistente en oponer los demandantes de asilo a los migrantes’.

En este sentido, recordó que el ‘Estado tiene el deber no solamente de proteger el derecho de asilo, sino también de garantizar y de hacer respetar los otros derechos de las personas migrantes, sin importar cuál sea su estatus’...”³



inmigrantes en francia
Foto: marienbad.com.ar

1 antena3.com 16-10-17
2 hispanTV.com 22-10-17
3 wanafrica.com 19-10-17

Acnur:

Una voz en medio de la oscuridad bélica

El Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados (Acnur, Unhcr, United Nations High Commissioner for Refugees de acuerdo con sus siglas en inglés) es el organismo universal de las Naciones Unidas encargado de proteger a los refugiados y desplazados por persecuciones o conflictos y promover soluciones duraderas a su situación, mediante el reasentamiento voluntario en su país de origen o en el de acogida. La organización tiene su sede en Ginebra, Suiza y más de 250 oficinas repartidas por todo el mundo.

Acnur surgió al término de la Segunda Guerra Mundial para ayudar a los europeos desplazados por ese enfrentamiento bélico. La Asamblea General de Naciones Unidas creó el 14 de diciembre de 1950 al Alto Comisionado de las Na-

ciones Unidas para los Refugiados, con un mandato de tres años para completar sus labores y luego disolverse. Al año siguiente, el 28 de julio de 1951, fue adoptada la Convención de Naciones Unidas sobre el Estatuto de los Refugiados, el fundamento legal para ayudar a los expatriados y el estatuto básico que rige el trabajo del Acnur.

En 1954, Acnur ganó el premio Nobel de la Paz por su trabajo de primera línea ayudando a los refugiados en Europa. Su mandato acababa de ser ampliado hasta el final de esa década. Más de un cuarto de siglo después recibió en 1981 nuevamente ese galardón por su trabajo de asistencia a los refugiados, con una mención a las dificultades políticas que enfrentaba el Alto Comisionado.

De los 34 funcionarios que trabajaban para Acnur cuando se creó, ahora cuenta con más de 9.700 funcionarios nacionales e internacionales, incluyendo más de 1.050 empleados en las sedes de las ciudades antes mencionadas.

El presupuesto de la organización ha crecido desde 300.000 dólares en el primer año de actividades a 6,8 billones en el 2015.

A finales del año 2015 había más de 65 millones de personas desarraigadas en el mundo. Acnur estaba ayudando a más de 60 millones de personas: 37,5 millones de personas desplazadas internas, 12,8 millones de refugiados, 3,7 millones de personas apátridas, más de 3,2 millones de solicitantes de asilo, 2,3 refugiados retornados y otras 870.700 personas del interés de Acnur.

Una organización con un mandato de tres años para resolver el problema de los refugiados europeos celebró su 66 aniversario el 14 de diciembre de 2016, consciente que es poco probable que las necesidades humanitarias desaparezcan. Desde ese momento, ha enfrentado múltiples crisis en África, Asia, Europa y Latinoamérica.



Gabriel Gusmán LaCruz
eluniversal.com 9-10-17

La ONU alerta sobre el aumento de desplazamientos

en la República Democrática del Congo

Desde el 2015, el número de desplazados internos en la República Democrática del Congo se ha duplicado hasta alcanzar los 3,9 millones, informó la agencia de la ONU para los refugiados (ACNUR).

Las provincias de Tanganica, de los Kivus y de Kasai cuentan cada una con más de medio millón de personas desplazadas.

“Tememos que el desplazamiento en el país siga creciendo, debido a las actividades de las milicias y la violencia causada por conflictos étnicos y políticos”, dijo este martes a la prensa Adrian Edwards, el portavoz del ACNUR en Ginebra.

El flujo masivo de personas representa un riesgo importante para la salud, ya que los desplazados carecen de alimentos, agua y albergue.

ACNUR informó de que más de 700.000 personas que huyeron de la violencia en Kasai en 2016 han regresado. Muchos han encontrado sus hogares en ruina y a sus familiares muertos o desaparecidos. La agencia está coordinando actividades de protección para los desplazados y los retornados en la provincia, y distribuyendo artículos de primera necesidad.

Por su parte, el Programa Mundial de Alimentos (PMA) ha clasificado la región de los Kasais como una emergencia de nivel 3, el más alto. “En algunas de las comunidades más afectadas, 9 de cada 10 personas padecen hambre y una de cada dos de manera muy severa”, informó Bettina Luescher, la portavoz del PMA.

“Pese a la gravedad de la situación, la crisis humanitaria en Kasai ha recibido muy poca atención”, lamentó Luescher.



“En algunas de las comunidades más afectadas, 9 de cada 10 personas padecen hambre y una de cada dos de manera muy severa.”

El PMA requiere 27 millones de dólares para asegurar la provisión de alimentos hasta finales de diciembre y 135 millones para responder a las necesidades hasta mediados de 2018.

Además, cerca de 100.000 congoleños se han refugiado en países vecinos en el último año. Más de 5.400 personas permanecen en el centro de tránsito de Kenani, en Zambia, donde reciben ayuda de las autoridades, ACNUR y socios humanitarios.

Según la agencia, se necesitan 236,2 millones de dólares para proporcionar ayuda a los refugiados, desplazados internos y otros grupos vulnerables en la República Democrática del Congo. Hasta la fecha solo una quinta parte ha sido recibida. (CINU)

elheraldodesalttillo.mx 25-10-17

¿Y si hubiera una alternativa a emigrar?

Una de cada siete personas en el mundo es migrante



Migrantes africanos con destino a Europa, en una ciudad costera de Libia.
Foto: Hani Amata / Reuters

Las migraciones no son algo nuevo. Desde que las primeras sociedades agrícolas se establecieron de forma fija en zonas concretas del planeta, personas y comunidades se han movido de sus lugares de origen para buscar algo (comida, agua, tierras, bienestar...) o escapar de algo (hambre, sed, guerra, climas adversos...). Pero, en un mundo cada vez más poblado e intercomunicado, la amenaza climática, el vertiginoso círculo de hambre y guerra y la desigualdad convierten la migración y el abandono de las áreas rurales en la única opción a ojos de (cada vez más) millones de personas.

... Pero la decisión de emigrar no siempre es forzosa, aunque a veces lo parezca. «La percepción de que irse es la última opción no siempre se corresponde con la realidad, pero al final lo que cuenta es que la persona no ve otra salida», apunta Paola Termine, de la FAO (agencia de la ONU para

la alimentación y la agricultura). Las encuestas realizadas por la Organización Internacional de las Migraciones (OIM) entre migrantes que esperan en Libia para viajar a Europa revelan sus motivaciones. Casi nueve de cada 10 respondieron: falta de oportunidades.

Esa falta de oportunidades suele ir acompañada de la pobreza y el hambre, todas ellas parte de la espiral perversa del conflicto y la violencia. «Si creamos empleo y enganchamos a la juventud, el horror de Boko Haram se evaporará», vaticinaba Kashim Shettima, gobernador del Borno, el marginado Estado del norte de Nigeria donde surgió el grupo yihadista. El cambio del clima, en forma de desertificación, fenómenos meteorológicos extremos o sequías, también ahoga las perspectivas de futuro y empuja a cientos de miles de personas a hacer mudanza.

“Los jóvenes siempre han querido ir a las ciudades, y tienen que poder hacerlo”, pero libremente.

Una de cada siete personas en el mundo es migrante, según datos de la propia OIM. Y la tendencia va en aumento. En 2015, 244 millones de personas emigraron a otros países (un 41% más que en 2000). Los efectos que ese aumento cuantitativo ha tenido en los países ricos son bien conocidos: desde el famoso muro que quiere levantar el presidente estadounidense, Donald Trump, hasta la ola de pánico a la inmigración que recorre Europa.

- * Una de cada siete personas en el mundo es migrante
- * 244 millones migraron a otros países, unos 769 lo hicieron dentro de su propio País
- * La mayoría de las migraciones internacionales se produjo entre países en desarrollo (37%)
- * La mayoría de los migrantes se queda en sus propios continentes: 9 de cada 10 africanos se quedan en África, 8 de cada 10 asiáticos, en Asia
- * Las 20 ciudades más pobladas del mundo reciben a uno de cada cinco migrantes internacionales.
- * Los países con más personas nacidas en otro lugar son EE UU (46 millones), Alemania (12 millones), Rusia, Arabia Saudí, Reino Unido, Emiratos Árabes Unidos, Canadá, Francia, Australia y España (5,8 millones).
- * Uno de cada dos emigrantes internacionales se fue a uno de estos 10 Estados.
- * Hay más de 60 millones de personas forzadas a huir de sus lugares de origen por la violencia o la persecución, entre refugiados en otros países (21,3 millones) y desplazados internos (40,8 millones).
- * Hay más de 19 millones de personas forzadas a dejar sus hogares por desastres climáticos o naturales.

Fuentes: IOM (2015) y PMA (2017)

Pero, paradójicamente, la mayor parte de las migraciones sigue sucediendo dentro del mismo país, unos 769 millones de personas. Los motivos, el origen y el destino, son casi siempre los mismos: falta-de-oportunidades, zonas rurales y grandes ciudades (más de 150 millones de estos migrantes internos van del campo a las urbes en China). Al desarraigo y la pérdida de identidad de los que se marchan, se le suma el vacío para los que se quedan. «Si los más preparados se van, ¿qué opciones habrá en el campo?, se pregunta Termine. «Y el problema es que siempre habrá gente a la que estos movimientos dejen atrás: niños, ancianos...», reflexiona. «Sin los jóvenes, no podremos continuar con la producción de alimentos», coincide Justus Lavi Mwololo, de una asociación de campesinos de Kenia.

Pero esta tendencia a la urbanización también tiene efectos positivos para las economías de muchos países, además de inyectar dinero en las zonas rurales a través de los envíos a familiares, según un informe de la propia OIM. Lo que preocupa es la velocidad a la que se producen estos movimientos y el aumento que, con la explosión demográfica, se prevé para los próximos años. A pesar de la falta de estadísticas, esa migración masiva a las ciudades impide en ocasiones proveer servicios para todos y da lugar a bolsas de pobreza urbana en distintos países y continentes. De Daca (Bangladesh) a Lagos (Nigeria), agrega el documento.

Cualquier movimiento grande de gente puede desestabilizar las comunidades de acogida. A los Gobiernos de todo el mundo les preocupa esta tendencia, según se deduce del último informe de la ONU sobre políticas de población: ocho de cada 10 países analizados tenían políticas para reducir la migración del campo a la ciudad.

«Hay que crear oportunidades en las áreas rurales», defendía en una entrevista con El País el togolés Gilbert Houngbo, presidente del FIDA, un fondo de Naciones Unidas que financia proyectos de desarrollo. «Es una opción mucho mejor que ir a los *slums* de una gran ciudad, o jugarse la vida intentando llegar a Lampedusa», a decir de Houngbo.

El motivo para ir a Europa de 9 de cada 10 migrantes encuestados en Libia: falta de oportunidades

La idea que defienden organizaciones como el FIDA o la FAO es aprovechar el potencial del campo para impulsar la producción de alimentos —algo que será necesario si continúa el aumento de la población— como motor del desarrollo. Y generar, con cooperativas o explotaciones de pequeña y mediana escala, toda una serie de industrias relacionadas alrededor de la agricultura, la ganadería o el cuidado de los bosques. «La agroindustria es nuestro futuro», sentenciaba Audu Ogbeh, ministro de Agricultura de Nigeria (180 millones de habitantes), que será el tercer país más poblado del mundo en 2050 si se cumplen las previsiones de Naciones Unidas.

¿Se trata, por tanto, de confinar a los jóvenes de los países en desarrollo en las áreas rurales para que hagan de granjeros del mundo? «En absoluto», contesta Termine, que trabaja en proyectos de desarrollo en Túnez. Según ella, se trata de dar opciones, de que quien quiera quedarse en su lugar de origen, pueda hacerlo. Y que la elección sea realmente libre. Para que la receta de un desarrollo agroindustrial rural pueda funcionar, hace falta el ingrediente principal: la tierra.

... Y la película —en la que Gobiernos, empresas o inversores extranjeros se quedan de una u otra forma con las tierras de los pequeños productores locales— se repite en zonas rurales de todo el mundo. De Indonesia o Filipinas a Brasil o Argentina, como denunciaban representantes campesinos e indígenas en el Comité de Seguridad Alimentaria celebrado la semana pasada en Roma. La migración, en muchos de estos casos, sí es literalmente forzosa, con desahucios y expulsiones por la fuerza.

... «Si para estudiar secundaria es obligatorio irse a la ciudad, puede que los jóvenes no vuelvan, ¿por qué no pueden estudiar aquí?», se pregunta Sadia Ahmed, representante de una ONG que agrupa a pastores de Somalia.

... «Es impresionante lo rápido que florece la actividad con un poco de ayuda», cuenta Termine, hablando de su experiencia en Túnez con jóvenes con amplia formación agrícola que no encontraban una ocupación. Pero esa ayuda inicial, principalmente en forma de financiación y crédito, es indispensable. Y también que ese apoyo perdure: «Hay que trabajar mucho para liberar el espíritu emprendedor de jóvenes y mujeres en muchas regiones. Y lo hacemos. Pero no podemos esperar ver sociedades transformadas en 24 horas», según Houngbo, presidente del FIDA.

«Un lugar como Europa se ha desestabilizado con solo un par de millones de sirios llamando a sus puertas por la guerra», aseveraba Shettima, el gobernador del Borno. «Imaginen qué puede pasar si las decenas de millones de personas que vivirán en el norte de Nigeria en las próximas décadas no encuentran un futuro aquí».

...en un mundo cada vez más
poblado e intercomunicado, la
amenaza climática, el vertiginoso círculo de hambre y guerra y la desigualdad convierten la migración y el abandono de las áreas rurales en la única opción a ojos de (cada vez más) millones de personas.

Carlos Laorden
elpais.com 18-10-17

“¿Cómo meto mi vida en una maleta?”

los venezolanos recorren Suramérica por vía terrestre

“AFP – ...Tomás Páez, sociólogo experto en emigración, asegura a la AFP que entre 400.000 y 500.000 venezolanos han abandonado el país en los dos últimos años. De los 2,2 millones de emigrantes, 96% salió a partir de 1999, cuando el expresidente Hugo Chávez (1999-2013) llegó al poder.

‘El éxodo ha sido muy grande, estamos hablando de 8% de la población. Las causas más importantes siguen siendo la inseguridad y la falta de comida y medicamentos’, comenta. El FMI alertó el viernes sobre el impacto de la migración de venezolanos para la región, especialmente a países vecinos como Colombia y Brasil, por la falta de soluciones a la ‘grave’ crisis.

...Viajar por tierra es la opción más barata. Josué pagó 2,8 millones de bolívares -poco más de 100 dólares en el mercado negro- por un boleto hasta Ecuador. Por otros 75 dólares llegará a Perú. El trayecto en avión cuesta unos 600 dólares, una fortuna para el venezolano promedio, cuyo ingreso mínimo es de 100 dólares a la tasa oficial más alta y 12 dólares en el mercado negro.

En medio de la crisis, la oferta de boletos aéreos ha caído en Venezuela: 11 aerolíneas cesaron operaciones entre 2014 y 2017, según la Asociación Internacional de Transporte Aéreo (IATA).

...El primer flujo migratorio fue de venezolanos con mayores recursos, pero ahora lo hacen los más pobres, afirma el soció-

logo Francisco Coello. ‘Ven por primera vez en la huida del país una posibilidad para resolver sus problemas. Hay una sensación de que no tiene arreglo el país (...) Hasta caminando llegan a Brasil y Colombia’, precisa a la AFP...”¹

“Agencia EFE – Una maleta de 25 kilogramos y un bolso con la comida necesaria para cinco días de viaje es todo lo que lleva consigo Dayarit Zerpa, que dejó una bebé de año y medio de edad y partió en autobús desde la capital de Venezuela rumbo a Quito, en Ecuador.

...Esta joven estudiante de Educación pagó 2.500.000 bolívares por su pasaje y alega que le costó ‘muchísimo’ reunir el dinero. El costo del boleto equivale a 18 salarios mínimos en el país caribeño (136.544 bolívares, unos USD 40 según la tasa de cambio oficial más alta). Otra ‘agencia’ de viajes en Caracas cobra los boletos en dólares -en un país donde el Estado tiene el monopolio de las divisas-, y estos deben pagarse a través de transferencia bancaria o en efectivo en la localidad colombiana Cúcuta. Bajo esta modalidad las personas pueden ‘apartar’ su pasaje en moneda local con 90.000 bolívares (USD 27) y, una vez que crucen la frontera colombo venezolana, cancelar el resto del boleto. Así, viajar hasta Bogotá o Medellín tiene un costo de USD 90, hasta Quito USD 150; 240 hasta Lima, y entre USD 380 y USD 525 hasta Santiago de Chile o Buenos Aires. Y aunque no en plan turístico, los venezolanos recorren Suramérica por vía terrestre en búsqueda de alimentos, salud, seguridad y ‘un futuro’.

La travesía que están dispuestos a seguir con tal de encontrar las oportunidades que su país no les brinda oscila entre uno y 11 días, dependiendo de qué tan al sur quieran llegar. Esto se debe a la casi inexistente presencia de aerolíneas internacionales en la nación petrolera, que han cesado sus servicios por deudas del Gobierno, y también a los altos costos de los boletos aéreos de la reducida oferta de destinos que aún quedan. Por ejemplo, un boleto de Caracas a Bogotá oscila los 3.500.000 de bolívares (25 salarios mínimos, unos USD 1.040), y es uno de los pocos destinos que aún se ofertan en moneda local, por lo que su disponibilidad es limitada.

A todas luces, el venezolano de bajos recursos se ve en la necesidad de emigrar por tierra. Pero no solo ellos toman el riesgo. Extranjeros que llegaron a Venezuela buscando un mejor porvenir



	BOLÍVARES	DÓLARES
RUMICHACA	250.000	95
QUITO	305.000	113
GUAYAQUIL	338.000	125
MANTA	351.000	130
TUMBES	392.000	147
CHICLAYO	473.000	177
LIMA	581.000	217
CHILE	932.000	347
ARGENTINA	1.310.000	493

también están retornando a sus lugares de origen por la crisis que atraviesa la nación caribeña. (...) un promedio de 50 personas se movilizan a través de estos terminales improvisados, algunos tres veces a la semana, otros acumulan los pasajeros y parten solo fines de semana, pero todos con destinos suramericanos, más allá de la frontera venezolana.”²

“...Ante las bajas posibilidades de crecimiento que tienen la población juvenil y en preparación, muchos optan por salir corriendo de Venezuela sin importar el destino final total ‘cualquier cosa es mejor que estar muriendo de hambre gracias al chavismo’.

Sin importar la certeza del éxito o la derrota que puede significar salir de un país para convertirte en inmigrante, muchos han optado por lo seguro y han elegido un país de habla hispana como destino.

Quito y Lima son los países más comunes y con lágrimas en los ojos muchos han dejado atrás a su familia y sitios de trabajo para partir en busca de un destino mejor.

Viajar desde Cúcuta hasta Quito cuesta 305 mil pesos colombianos, que equivalen a dos millones 157 mil bolívares, calculado a una tasa de 0,14 centavos de peso por cada bolívar.

Mientras que para Lima cuesta 581 mil pesos, que representan cuatro millones 150 mil bolívares, también

calculado a 0,14 centavos.

Por vía terrestre también se ofrecen otros destinos como Rumichaca en Colombia, que es el menos cotizado. Otras ciudades colombianas como Cali y Barranquilla tienen más demanda que las demás.

En Ecuador, además de Quito, al menos tres autobuses diarios salen rumbo a Guayaquil. Ir hasta allí cuesta 338 mil pesos, es decir dos millones 414 mil bolívares.

Hasta Perú salen más venezolanos que a otros destinos. Para ello, al menos, a cuatro ciudades distintas se realizan viajes a diario. En promedio 30 autobuses salen hasta Tumbes, Chiclayo y Lima.

Uno de los países a los que se viaja menos por tierra desde Colombia es Chile, pues un pasaje cuesta 932 mil pesos (seis millones 657 mil bolívares). Tampoco lo hacen para Argentina, que cuesta un millón 310 mil pesos (nueve millones 357 mil bolívares).

Según estimaciones de los vendedores de pasajes, al menos 300 venezolanos viajan a diario sin retorno a los destinos que ofertan, pero es para Quito y Lima donde en muchas oportunidades deben habilitar otros autobuses, pues son los primeros que se agotan.

*Elvis Morales*³

La travesía que están dispuestos a seguir con tal de encontrar las oportunidades que su país no les brinda oscila entre uno y 11 días, dependiendo de qué tan al sur quieran llegar.

1 el-nacional.com 14-10-17

2 elcomercio.com 5-10-17

3 venezuelaaldia.com 9-10-17

Honduras

destaca como protector de refugiados



La primera conferencia regional, realizada en San Pedro Sula, tras la Declaración de Nueva York para los refugiados y migrantes, arrojó los primeros insumos regionales al Pacto Mundial que se presentará a la Asamblea General de las Naciones Unidas en 2018.

La Conferencia Regional de San Pedro Sula, realizada en el Centro de Convenciones Copantl, fue el escenario donde Honduras, como país anfitrión, destacó por su espíritu integracionista y por la adopción de 14 compromisos para dar una respuesta integral a personas refugiadas y desplazadas.

El liderazgo de Honduras, con el Presidente Juan Orlando Hernández como principal impulsor, ha sido clave para concretar iniciativas regionales, como el Plan Alianza para la Prosperidad de los Países del Triángulo Norte, la Fuerza de Tarea Trinacional y la Unión Aduanera entre Honduras y Guatemala, con la próxima integración de El Salvador.

Los compromisos adoptados por el Estado de

Honduras incluyen acciones para responder no solo al desplazamiento interno sino que también a las personas migrantes retornadas con necesidades de protección y la protección a personas hondureñas en el exterior.

La subsecretaria de Derechos Humanos y Justicia, Norma Allegra Cerrato, indicó que los compromisos de Honduras son de cumplimiento progresivo y que se harán efectivos con la implementación de un Plan de Respuesta que incluye 28 acciones concretas a ser ejecutadas al 2020.

UN ESPACIO PARA EL CONSENSO

al acoger este encuentro, donde países centroamericanos y cooperantes conocieron el Marco Integral Regional para la Protección y Soluciones (MIRPS), Honduras abrió las puertas al consenso para la búsqueda de soluciones conjuntas a favor de los desplazados y los refugiados.

El país fue el escenario donde los gobiernos de Honduras, Belice, Costa Rica, Guatemala, Panamá y México firmaron la Declaración de San Pedro Sula, mediante la cual la región ofrece los primeros insumos para dar respuesta integral para protección de refugiados.

La jornada fue inaugurada el jueves por la Primera Dama de la Nación, Ana García de Hernández; el Alto Comisionado de las Naciones Unidas para los Refugiados, Filippo Grandi y el Secretario Coordinador General de Gobierno, Jorge Ramón Hernández Alcerro.

Al cierre de la jornada, la vicescanciller hondureña María Andrea Matamoros destacó, que además de la voluntad política de los países MIRPS, los países amigos y cooperantes de la región también hicieron contribuciones precisas y anunciaron acciones orientadas a beneficiar, a proteger directamente al refugiado.

“Los pactos mundiales, tal y como nos señaló en su mensaje su santidad el papa Francisco, “deben centrarse en la persona del refugiado, con sus derechos y también con sus deberes”, enfatizó la diplomática hondureña.

Añadió que, “efectivamente, todos hoy hemos coincidido en que el centro de cada una de nuestras gestiones debe de ser sin excepción alguna el niño, niña, mujer y hombre migrante y refugiado, y como dice la Declaración de Nueva York, debemos tener todos el compromiso moral de salvar vidas”.

El mensaje del papa Francisco al que la vicescanciller Matamoros hizo referencia fue expresado a través del nuncio apostólico en Honduras, monseñor Novatus Rugambwa.

latribuna.hn 27-10-17

“Niñez y Migración”

XII Foro de Migración

El mensaje del Papa para este año con motivo de la Jornada Mundial del Emigrante “Emigrantes menores de edad, vulnerables y sin voz”, exhorta a que ninguna persona sea tratada como extranjero en las comunidades cristianas y en el caso específico de niños, niñas y adolescentes, a que sean acogidos y protegidos desde el resarcimiento de su dignidad y el valor de su vida.

En el mensaje se resalta que *“También es necesario centrarse en la protección, la integración y en soluciones estables”*, esto con el fin de no permitir que en su misma vulnerabilidad sean sometidos por redes de crimen organizado y expuestos a todo tipo de violencia y abusos.

Ante este llamado la Comisión de Movilidad Humana en Bogotá y la Región Metropolitana conformada por Caritas Colombia, Arquidiócesis de Bogotá, Fundación de Atención al Migrante, Centro Scalabrini para las Migraciones y comunidades religiosas y laicas, en el marco de la Semana del Migrante realizaron el XII Foro con el título “Niñez y Migración”, en el cual participaron representantes de diferentes sectores.

En este encuentro se abordó desde diferentes disciplinas y actores la situación en que se encuentra la población infantil que vive en contextos migratorios vulnerables.

- Desde el Derecho se tomó la normatividad y jurisprudencia en el Sistema Interamericano de Derechos Humanos, el ponente enfatizó que los niños, niñas y adolescentes son sujetos de especial protección, siendo la familia y la sociedad los primeros garantes para el goce efectivo de derechos; sin embargo, condiciones como la migración ameritan obligaciones por parte del Estado para brindar protección y atención de acuerdo a las condiciones de vida que presente.
- Por su parte el Instituto Colombiano de Bienestar Familiar presentó la estrategia de atención para la población infantil proveniente de Venezuela, haciendo énfasis en que sólo intervienen cuando sus padres no pueden garantizar su dignidad e integridad física; entre las acciones están el fortalecimiento de autoridades locales y directrices para garantizar derechos de los niños en diferentes situaciones.
- UNICEF compartió lo que ha venido trabajando en favor de los Derechos de los Niños en contextos migratorios teniendo familias desestructuradas ante la migración de niños solos o padres solos, la situación de los niños nacidos en destino y la vulnerabilidad de las familias para su sostenimiento y vinculación de niños a sistemas de salud y educativos. Entre los llamados que hace esta organización están: El fortalecimiento de la política pública para que desde perspectiva de derechos y la aplicación del “Principio del Interés Superior del Niño” en todos los momentos de la migración (acogida, integración, retorno) y a centrar sus acciones en la no discriminación, la inclusión a los sistemas que garantizan su desarrollo y la integración intercultural.

- La Corporación Infancia y Desarrollo, desarrolló la situación y los retos que debe afrontar el país para la infancia en el actual escenario de postconflicto, los cuales están dirigidos al fortalecer políticas públicas en contextos sociales, culturales y territoriales, fortalecer espacios de participación en escenarios de toma de decisiones, memoria y significación del conflicto en esta población específica.
- La Universidad Manuela Beltrán planteó los elementos necesarios para abordar el desarrollo neuropsicológico de los niños en contextos violentos, en la cual se mostró como las condiciones emocionales impide el adecuado desarrollo del niño y le brinda pocas posibilidades para explorar sus capacidades para desarrollar sus múltiples inteligencias.
- Finalmente se presentó por parte del CELAM, la campaña 100% Todos Ternura, desde la cual promueve la centralidad en la niñez y anima a hacer un pacto a favor de la infancia y su adecuado y armonioso desarrollo.

Con esta jornada académica interdisciplinaria se dieron por terminadas las actividades enmarcadas en la Semana Nacional del Migrante 2017, dejando claro el compromiso con la infancia a nivel de todos los sectores del país, la importancia del trabajo articulado para garantizar sus derechos y el cumplimiento del Artículo 44, de la Constitución Política del 91, en el que los derechos de los niños prevalecen sobre los demás, pues en esta etapa del ciclo vital es en donde se deben desarrollar las habilidades humanas y las oportunidades de socializar de manera responsable y asertiva.

Andrea Suárez

Celebrando con los venezolanos en Colombia

“Si el migrante no es tu hermano, Dios no es tu Padre”
(Beato J. B. Scalabrini)



Por: Andrei Zanon, c.s.

Como es sabido, la Congregación Scalabriniana siempre busca asistir a los migrantes en sus necesidades tanto materiales como espirituales; por lo cual cuenta con muchas misiones por el mundo, donde se celebra, acompaña, orienta...

Por esta razón, el pasado 1° de octubre se hizo una celebración con los venezolanos que se encuentran en los alrededores de la parroquia Beato Juan Bautista Scalabrini, en el Barrio Lisboa de Bogotá, Colombia. Así mismo, las Misas del domingo se celebraron en honor a Nuestra Señora del Coromoto, patrona de Venezuela.

Asistieron muchos venezolanos, colombianos que estuvieron por muchos años en Venezuela y personas que quieren ayudar a quienes están llegando en busca de nuevas oportunidades.

La Eucaristía estuvo presidida por P. Maurizio Pontin, c.s., quien por más de 20 años prestó sus servicios en el vecino país. Se compartieron historias y se saborearon comidas típicas de las diferentes regiones de Venezuela, con la ambientación de música típica.

Fue sin duda un domingo de mucha alegría; muchos de los que pasaban por el bazar compartían su solidaridad: una palabra de motivación, un abrazo, sonrisas y, como buenos venezolanos, chistes y camaradería a pesar de las tristezas que están viviendo.

Hacemos un llamado a acoger, respetar y proteger a quienes están lejos de la patria y a hacer de nuestra casa, parroquia o barrio un lugar abierto a todos los que están llegando. Debemos también recordar que muchos de nosotros somos migrantes, descendientes de migrantes o tenemos familiares y amigos que viven en tierras extranjeras.



XXIV Congreso Mundial del Apostolado del Mar



“Atrapado en la red”

La Red Internacional de Migración Scalabrini (SIMN) participó en el XXIV Congreso Mundial del Apostolado del Mar (AoS), que se llevó a cabo del 1 al 7 de octubre en Kaohsiung, Taiwán. Los temas del Congreso Mundial del Apostolado del Mar se han referido siempre al mundo marítimo comercial y a sus problemas, por lo que se ha asignado un espacio y un período de tiempo muy limitado al sector pesquero. Sin embargo, en la práctica, el Apostolado del Mar siempre se ha preocupado por la situación de los pescadores a nivel mundial, interviniendo a menudo en discusiones y debates generados por organizaciones internacionales como la OIT, la FAO, etc.

El tema de este año fue «Atrapado en la Red,” y el Congreso exploró cómo la Iglesia, a través del trabajo de los capellanes de AoS y de los voluntarios en los puertos en todo el mundo, puede mejorar aún más su apoyo a los pescadores, a veces llamados “marinos olvidados”. El XXIV Congreso Mundial del Apostolado del Mar (AoS) también discutió el tráfico de pescadores migrantes, el trabajo forzado a bordo de buques pesqueros y la pesca ilegal.

Todos los miembros del Apostolado del Mar deben estar conscientes de los problemas que enfrenta el mundo de la pesca; con este Congreso se buscó aumentar el conocimiento de cada miembro del Apostolado del Mar, así como concientizar los abusos hacia los «marinos olvidados» y reafirmar que la Iglesia no los olvida, sino que camina con ellos.

«Es un momento muy significativo para los pescadores, porque la Iglesia está dando un paso por ellos; así los demuestra la asistencia de 250 participantes. Cuando cada uno de ellos regrese a su centro de AoS, habrá una red mundial que hará que la vida de los pescadores sea más fácil, segura», puntualizó el representante del SIMN.

Noviembre

Mes Scalabriniano



Por: P. Peter P. Polo, c.s.

“Santísimo Padre, la idea de ir en ayuda de los emigrantes está madura. La prensa está constantemente detrás del gobierno para tomar medidas. Sería una farsa si los enemigos de la fe se adelantaran a la Iglesia y tomaran el control; es para prevenir esto que yo, aunque siendo el más pequeño de los obispos, decidí escribir a usted sobre este importante asunto y presentarle un plan que espero sea aprobado”.

Carta de JB Scalabrini al Papa León XIII, 13 de junio de 1887

Noviembre es conocido en nuestra comunidad como el “Mes Scalabriniano”, debido a las 3 celebraciones que coinciden en este mes:

Noviembre 4, Fiesta de San Carlos Borromeo

Noviembre 9, Aniversario de la Beatificación del Fundador

Noviembre 28, que este año corresponde al 130 ° Aniversario de la Fundación de la Congregación

La inspiración apostólica de Scalabrini para proporcionar ayuda pastoral y social a los migrantes comenzó a tomar forma en 1879 en los montes Apeninos, durante la primera visita pastoral a su diócesis, cuando vio que “muchos de estos pobres montañeses se ven obligados a irse al extranjero a trabajar en inmenso detrimento de su fe y su moral, porque no encuentran a nadie que los ayude en su lengua materna”. La inspiración original creció y fue nutrida cada vez más por nuevos datos e información; finalmente se hizo realidad 10 años después, cuando el 28 de noviembre de 1887, tras superar dificultades, malentendidos y contratiempos, recibió la aprobación del Papa León XIII para comenzar una sociedad de Sacerdotes Misioneros para ayudar a los emigrantes italianos en las Américas.

La intuición de Scalabrini y sus subsecuentes iniciativas pastorales resultaron ser proféticas: él, que se hacía llamar “el más pequeño de los obispos”, fue proclamado Patrono y Padre de los Migrantes; hasta el día de hoy su nombre significa plena atención y respeto por todos los migrantes en todas sus necesidades y derechos. Cuando nuestro Fundador se puso a pensar en hacer algo para los migrantes, no sabía exactamente lo que iba a encontrar, pero sí creía que, independientemente del resultado, no estaba solo y estaba siendo guiado desde lo alto. Como solía hacer siempre, también en este paso profético apeló a la “Divina Providencia”. Su preocupación inicial era enviar sacerdotes y hermanos catequistas que serían ayudados por los laicos, contribución que consideró esencial desde el principio ya que trabajarían hombro a hombro con los Misioneros. Lo que el Fundador no consideró inicialmente fue la presencia de mujeres religiosas.



J. B. Scalabrini atravesando el Río Grande do Sul (Brasil)



Representantes de los tres institutos de vida consagrada fundados por el Beato Scalabrini (2015)

toles del Sagrado Corazón con la Madre Clelia Merloni y, brevemente, las Hermanas de Santa Ana con la Madre Anna Rosa Gattorno.¹

Cuando las solicitudes de sus Misioneros en las Américas comenzaron a llegar pidiendo la presencia de hermanas religiosas en las misiones, el Beato Scalabrini, al escribirle al S.C. de Propaganda Fide, admitió que sentía una “extrema repugnancia” al participar en la fundación de una congregación de monjas; pero entonces, la Divina Providencia lo condujo a donde no quería ir y se involucró no solo con una, sino con cuatro congregaciones religiosas de mujeres: las Hermanas Misioneras del Sagrado Corazón de la Madre Cabrini; la iniciativa de padre Marchetti con las Hermanas Misioneras de San Carlos Borromeo, las Apóstoles del Sagrado Corazón con la Madre Clelia Merloni y, brevemente, las Hermanas de Santa Ana con la Madre Anna Rosa Gattorno.¹

“San Carlo, esempio meraviglioso”

Perché il beato Scalabrini ha dato San Carlo Borromeo alla sua Congregazione come protettore?

La risposta, credo, va trovata nella simbiosi spirituale e pastorale fra Scalabrini e San Carlo, come uomini di Dio e pastori d'anime. Lo Scalabrini già da tempo aveva i suoi modelli che seguiva ed emulava come sacerdote dapprima e, soprattutto poi, come vescovo. Fra di essi vanno inclusi Sant'Alfonso de' Liguori, San Francesco di Sales e San Carlo Borromeo. Oltre che all'impegno di santificarsi e di santificare gli altri, questi tre suoi modelli si distinsero altamente per il loro impegno catechistico e per la loro attività pastorale eroica e coraggiosa di fronte alle serie sfide del loro tempo.

Dato il carattere Missionario della sua Congregazione ed il bisogno eminente di preservare e nutrire la fede degli emigrati, che egli percepiva come strumenti della Provvidenza per l'evangelizzazione, lo Scalabrini adottò San Carlo Borromeo non solo come patrono ma altresì come modello di apostolato indefesso, di spiritualità profonda, di disciplina personale e di ascesi e di coraggio nell'affrontare e nell'abbattere gli ostacoli dell'indifferenza, della corruzione, della mondanità e della pigrizia ed inerzia del clero e negli istituti di vita religiosa.

Offro qui alcuni punti che servono come indicazione di chi veramente fu San Carlo e dell'influsso che egli ebbe nella persona e nello stile pastorale del Fondatore tanto in diocesi che oltre ai suoi confini, attraverso la sua Congregazione.

Né San Carlo e né il beato Scalabrini vissero in tempi facili. Come ogni persona di ogni tempo, anch'essi dovettero guardare seriamente a loro stessi e alla loro scelta vocazionale e intraprendere iniziative personali radicali e spesso combattute. Ambedue avrebbero potuto scegliere la via più facile e seguire l'andazzo dei tempi. In ogni tempo e in ogni stagione la lotta sembra diversa ma l'avversario è sempre lo stesso: il Principe di questo mondo! La loro scelta è un incentivo per le nostre scelte oggi: abbracciare il Vangelo e andare controcorrente, guardare il povero e vedere il volto di Cristo, accogliere e mettersi in cammino con il migrante, combattere l'errore ma guidare l'errante, denunciare il peccato senza negare misericordia al peccatore e abbracciare la croce e misurarci ad essa come sola ed unica certezza e speranza.



1. Las principales fuentes de las citas son:

Mario Francesconi's GIOVANNI BATTISTA SCALABRINI, VESCOVO DI PIACENZA E DEGLI EMIGRATI (GBS)

Caliaro- Francesconi, JOHN BAPTIST SCALABRINI, APOSTLE TO THE EMIGRANTS (JBS)

SCALABRINI, A LIVING VOICE – Excerpts from Scalabrini's Writings, Published in 1987 (SLV) Thank you for your cordial attention



SIMN

Scalabrini International
Migration Network

PROTEGER | SERVIR | INCIDIR

www.simn-global.org